



CCB

N A M A S Y A

S H A N T A L A

S H I V A L I N G A P P A

S O L O S C O N T E M P O R Â N E O S

NAMASYA

SHANTALA SHIVALINGAPPA

SOLOS CONTEMPORÂNEOS

22 E 23 MAIO 2009

PEQUENO AUDITÓRIO – SALA EDUARDO PRADO COELHO

21H

M/12 ANOS

PROGRAMA

I.

IBUKI "SOUFFLE VITAL"

USHIO AMAGATSU COREOGRAFIA E FIGURINOS
YOICHIRO YOSHIKAWA MÚSICA

II.

SOLO

COREOGRAFIA CRIADA EM RESIDÊNCIA NO
TANZTHEATER WUPPERTAL – PINA BAUSCH
FERRAN SAVALL MÚSICA
MARION CITO FIGURINOS

III.

SHIFT

SHANTALA SHIVALINGAPPA COREOGRAFIA

IV.

SMARANA

SAVITRY MAIR COREOGRAFIA
MÚSICA TRADICIONAL DO NORTE DA ÍNDIA

SHANTALA SHIVALINGAPPA
CONCEPÇÃO
DIRECÇÃO ARTÍSTICA
INTERPRETAÇÃO

NICOLAS BOUDIER
LUZES

ALEXANDRE CASTRES
VÍDEO

JIM VIVIEN
OPERADOR DE VÍDEO

PER DIEM & CO/PIERRE BARNIER
PRODUÇÃO

THÉÂTRE DE LA VILLE, PARIS
CO-PRODUÇÃO

ESTREIA NO
THÉÂTRE DE LA VILLE – LES ABBESSES
– PARIS (2007)

NOTA ARTÍSTICA

... A THOMAS ERDOS

Tendo formação em dança clássica indiana, a minha primeira experiência numa outra forma de dançar foi o trabalho com Pina Bausch. Ela representou um dos momentos mais importantes da minha carreira, quer no plano humano quer artístico. Com o seu imenso talento, delicadeza e generosidade abriu-me a porta para um novo universo gestual. Com ela e com os seus bailarinos aprendi a pensar e a sentir o movimento de forma diversa, desde a concepção até à execução: espontaneidade, liberdade e rigor, fluidez, movimento irradiado do corpo mas também do coração.

Há um contraste aparente entre o universo de Amagatsu, urdido de lentidão, de geometria e de abstracção, e o da dança indiana, rítmica e rápida, ornamentada e narrativa. Estas duas práticas estão, contudo, ligadas na sua finalidade: luz distinta e intensidade da emoção. O projecto nasceu durante um serão, à volta de dois solos trabalhados, com dois coreógrafos que admiro muito e cujo universo coreográfico, muito pessoal e particular, me emociona e se cruza com a minha sensibilidade artística.

Os seus trabalhos tiveram um efeito magnético sobre mim e estimularam o meu desejo de explorar o movimento e a emoção que se solta dele. Fui verdadeiramente seduzida pela ideia de trabalhar com esses dois coreógrafos a partir da minha gestualidade e da minha técnica de dança clássica indiana, acreditando na universalidade da dança, do movimento e da emoção que suscitavam, sem ser necessário uma linguagem técnica comum.

A partir da técnica pura da dança indiana, viajaremos em direcção a uma outra narrativa, a uma outra maneira de viver e de sentir a dança? Ou então o "Rasa", o prazer que emana da dança não é ele tão diferente que o levaria a acreditar no contraste aparente das formas? À semelhança do meu fascínio pela arte do Kuchipudi, o meu desejo de fazer esse caminho na exploração da Dança é igualmente muito intenso. Nesse caminho, nada é comparável ao privilégio excepcional de trabalhar com esses grandes artistas e encarnar o laço que os une durante uma noite.

SHANTALA SHIVALINGAPPA

SHANTALA SHIVALINGAPPA

Nasceu em Madras, na Índia. Cresceu em Paris, cidade onde foi influenciada, ao mesmo tempo, pelo Oriente e pelo Ocidente.

Desde a sua infância foi orientada para dança indiana, e acima de tudo pela sua mãe, a bailarina Savitry Nair. Inspirada pela pureza do estilo Kuchipudi do seu mestre Vempati Chinna Satyam, foi formada com rigor por todas as sutilezas da sua arte. Actualmente, apresenta os seus próprios solos de *kuchipudi* acompanhada dos seus músicos oriundos da Índia, em teatros e festivais, e tornou-se a embaixatriz do *Kuchipudi* no Ocidente.

Tanto na Índia como na Europa é reconhecida pelo público como uma das mais importantes bailarinas, pela sua excelente qualidade técnica, graciosidade e sensibilidade notável.

Desde os 13 anos, teve ainda o privilégio de trabalhar com os mais prestigiados coreógrafos: Maurice Béjart (1789 ...*et nous*), Peter Brook (para quem interpretou primeiro Miranda em *La Tempête*, seguidamente Ophélie em *La Tragédie d'Hamlet*), Bartabas (*Chimère*), Pina Bausch (*O Dido*, *Néfès* e *Bamboo Blues*).

Hoje, Shantala divide o seu tempo entre a criação de novas coreografias *kuchipudi*, digressões dos seus espectáculos a solo, e a colaboração com diferentes artistas ocidentais numa exploração intensa da dança e da música.

PINA BAUSCH

Nasceu em Solingen, Alemanha, tendo crescido no ambiente do café que pertencia aos seus pais. Aos 15 anos, Pina Bausch iniciou a sua formação em dança na Escola Folkwang em Essen. Entre os seus professores destaca-se o célebre coreógrafo Kurt Jooss.

Brilhante, obteve o diploma em 1959 e o Prémio Folkwan de excelência. Um ano mais tarde, foi estudar para Nova Iorque na Juilliard School. Estreou-se no palco com o New American Ballet e tornou-se membro da companhia de bailado do Metropolitan Opera. De regresso à Alemanha, em 1962, trabalhou com seu professor Kurt Jooss e foi solista no Folkwang Ballett. Tornou-se coreógrafa em 1968 com *Fragmente*, e *Dans l'air du temps*. Posterior-

mente dirigiu a companhia Folkwang, e mais tarde a Opera de Wuppertal que foi rebaptizada com o nome de Tanztheater Wuppertal Pina Bausch. Admiradora da intensidade dramática e da expressão, Pina Bausch é a mentora da renovação da dança moderna na Alemanha da pós-guerra. A sua dança aproxima-se do teatro, com intérpretes que representam a realidade.

USHIO AMAGATSU

É um dos mestres da primeira geração do butô.

Fez evoluir a dança para lá das raízes tradicionais integrando as suas experiências pessoais, incluindo as viagens que efectuou à volta do mundo, à sua visão desta forma de dança.

Nasceu em Yokosuka (Japão), e começou por se formar em dança clássica e moderna. Em 1975, fundou a companhia de butô Sankai Juku (escola das montanhas e do mar).

As apresentações de Sankai Juku, consideradas como um grupo de butô de segunda geração, foram descritas como "poesia pura em movimento". No seguimento de uma primeira actuação triunfal na Europa, no Festival Internacional de Nancy, em 1980, Sankai Juku percorreu a Europa durante quatro anos, apresentando-se nos grandes festivais internacionais. A companhia estreou-se na América do Norte em 1984, no Festival Internacional de Toronto, e não parou, desde então, de fazer digressões por todo o mundo. Reconhecido pelo seu trabalho artístico, Ushio Amagatsu já recebeu vários prémios e louvores: em 1992, foi nomeado Chevalier de l'Ordre des Arts et des Lettres pelo Ministério da Cultura de França; em 2002, foi galardoado com 26.º Prémio Laurence Olivier pela melhor criação em dança; e em 2004 recebeu o Prémio Geijutu Sensho pelas suas qualidades artísticas excepcionais.